
A repercussão do 7x1 em periódicos impressos fora do eixo Rio-São Paulo¹

Luiz Otávio CALDERAN²
Weslei Pigatto MOLINARI³
Universidade de Passo Fundo

RESUMO

A construção da base escrita visa justificar a importância jornalística não apenas na partida entre Brasil e Alemanha em 2014 pela Copa do Mundo, como também busca apresentar o cenário pré-Copa que foi responsável por grande destaque na mídia nacional, já que houve inclusive possibilidade de não realização do mundial. Eventos esportivos, como a Copa do Mundo, são agendados. O trabalho discute como os jornais Zero Hora (RS) e Hoje em Dia (MG) repercutiram o maior vexame da seleção brasileira da competição.

PALAVRAS-CHAVE jornalismo esportivo; copa do mundo; jornal impresso; agendamento

Introdução

O presente estudo busca analisar as capas dos periódicos impressos Zero Hora e Hoje em Dia dos estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais, ambos publicados no dia 9 de julho de 2014, um dia após a maior derrota da seleção brasileira de futebol. A análise procura viabilizar o entendimento da derrota, através dos olhos dos jornais. A localização geográfica influencia na maneira em que as capas e as chamadas foram produzidas, e apesar de se tratar do mesmo assunto (Brasil 1 x 7 Alemanha) nota-se diferente visão sobre o vexame.

A Copa do Mundo de futebol é o principal e mais referencial exemplo que temos de agendamento, na editoria esportiva. Advento que reúne grandes massas e atrai o foco de todo meio de comunicação. O futebol serviu como plano de fundo.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Estudante do 9º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: luizcalderan43@gmail.com

³ Estudante do 9º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: wesleipmolinari@gmail.com

1. Evento Agendado: Copa do Mundo

Antes mesmo de falarmos propriamente da grande lembrança que marcou a seleção brasileira de futebol de uma maneira trágica e melancólica, partiremos do princípio de como a notícia de uma goleada em Copa do Mundo vira pauta de interesse público. A teoria do agendamento (Agenda-setting) proposta por Maxwell McCombs e Donald Shaw durante a década de 1970, reflete de maneira sucinta e clara de como a veiculação das notícias influenciam quem as consome. Essa influência de noticiabilidade faz com que leitores, ouvintes e telespectadores incluam ou excluam dos seus próprios conhecimentos aquilo que lhes é transmitido. Além de influenciar no pensamento, a teoria “agenda” os assuntos em pauta. Transforma os assuntos do dia-a-dia, presentes nas ruas. O agendamento é a catapulta da notícia.

Como aborda (SOUSA, 2004) ao referir-se sobre a teoria do agendamento, os meios de comunicação podem não ter em grande parcela das vezes êxito em dizer as pessoas sobre o que têm de pensar, mas na esmagadora maioria têm êxito ao dizer as pessoas sobre o que devem pensar.

O esporte mais popular, não só do Brasil, é o futebol. Continua sendo marginalizado, porém inúmeras questões sociais podem ser estudadas através do futebol, como fio condutor do assunto. E, o principal evento da modalidade é agendado, é impossível não ficar por dentro das notícias que são transmitidas sobre a Copa do Mundo, que ocorre de quatro em quatro anos. Numa versão mais moderna sobre a teoria do agendamento, Felipe Pena conclui que:

Os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar (PENA, 2012, p. 142).

O contexto da Copa do Mundo de 2014 é um perfeito exemplo de agendamento. Por se tratar de uma Copa do Mundo a cobertura jornalística iria ser grande, assim como o consumo de informação. Mas há outros fatores, não somente esportivos, que construíram todo o cenário até pararmos na semifinal entre Brasil e Alemanha. Apolítica instável do país e uma onda de manifestações por todas as regiões em 2013, chamaram a atenção de toda a imprensa mundial e com a grande difusão das mídias digitais, a Copa ultrapassou barreiras e arquibancadas, porque afinal de contas todos sabiam que muita coisa ia acontecer em solo Brasileiro, não somente no gramado.

2. 7x1 na Zero Hora e no Hoje em dia

Entre 12 de junho e 13 de julho de 2014, ocorreu a vigésima edição da Copa do Mundo – a segunda no Brasil – um evento esportivo, multiétnico e cultural que marca gerações e nunca cai no esquecimento. O evento tem data, hora e local para acontecer. A intensa preocupação da mídia em cobrir os jogos é frenética. Os principais periódicos impressos do país não ficam sem foto, matéria ou chamada em suas capas que remeta a Copa durante esse um mês de torneio. O assunto Copa está em alta, todos querem saber os resultados e se informar de como anda a seleção e os jogos dos adversários. Um mês que conta com um turbilhão de notícias e uma avalanche de Hard News.

No Brasil durante a realização dos jogos anteriores ao desastre no Mineirão tudo se mostrava animado e confiante, afinal a equipe avançava no decorrer do torneio e a cobertura jornalística estava baseada em uma grande possibilidade de que a seleção chegasse a sexta conquista em Copas atuando em casa. Alguns acontecimentos reforçavam esta tese, já que na fase de grupos a seleção havia atendido as expectativas com uma campanha segura na fase inicial, os comentários de imprensa em sua maioria inflamavam a população em busca da sexta estrela, sem se sequer antever uma possível queda da seleção, que apresentou evidentes falhas emocionais já no confronto contra o Chile decidido nos pênaltis; na ocasião o zagueiro Thiago Silva, até então capitão do time, alegou não ter condições para cobrar um dos pênaltis sob forte efeito emocional o brasileiro chorou, mas apesar do fato a mídia preferiu exaltar a sofrida classificação de um elenco que já demonstrava que poderia não administrar futuras decisões.

3. No Rio Grande do Sul

Logo após a seleção brasileira avançar para as semifinais, despachando a Colômbia nas quartas-de-final, a imprensa e os torcedores pensaram no confronto da próxima fase, que aconteceria do dia 8 de julho no Mineirão, em Belo Horizonte. O adversário foi definido poucas horas depois; a fortíssima seleção alemã faria duelo com o país sede da Copa. A grande empolgação por parte da mídia animou a torcida, que fez com que milhares de brasileiros acreditassem na ideia do hexacampeonato e ganhar uma Copa do Mundo em casa.

Mas, uma coisa era certa. No dia 9 de julho teríamos uma capa informando o primeiro finalista da Copa. Mas como seria a manchete? Brasil ou Alemanha? A

repercussão por parte da imprensa foi alvoroçada, ninguém esperava noticiar o vexame. E o que ninguém esperava, aconteceu em Minas Gerais, a fatídica derrota humilhante teve de ser notícia dentro e fora do país. A seleção naquele momento ficaria marcada para sempre, e perderia crédito com a população que torcia pelo Brasil.



Imagem1 – Capa do Jornal ZERO HORA

O técnico Felipão é mencionado e isso realça a importância, principalmente geográfica, que o comandante tem em seu estado de origem. Não foi o “Brasil”, foi o “Brasil de Felipão”. O exímio treinador levou muita culpa pela imprensa, não foi poupado em nenhum momento e lugar. Nem no estado onde é amado. E como o futebol é um esporte coletivo, todos levam a culpa sem apontar para somente um vilão responsável. A ZH critica de forma inteligente o papel e posicionamento de jogadores, e tudo aquilo que na ocasião representava a seleção brasileira.

A pitada jornalística fica em “Holanda x Argentina”. Apesar de todo o caos do dia anterior, o jornal se preocupa em informar o que irá acontecer “hoje” (9 de julho). A tragédia do futebol é a principal pauta sem dúvidas, mas o jornal em si é maior que somente a derrota.

“O leitor, quase sempre, é mais do que um simples torcedor, e espera dos jornais informações sobre treinamentos, novidades mecânicas, detalhes tecnológicos e incidentes nas corridas que, anos atrás, eram interesse de alguns maníacos.” (Muniz, 1991, p.10)

4. Em Minas Gerais

Observa-se na construção visual da capa a utilização de um fundo escuro obviamente utilizado para dimensionar o tamanho do vexame no qual a seleção brasileira foi exposta no Mineirão, a manchete tem como destaque a palavra vergonha em caixa alta tendo a intencionalidade de provocar maior impacto visual ao leitor, logo abaixo são retratadas as cinco estrelas pentacampeãs com a sexta em queda representando o fim do sonho do hexacampeonato que poderia ocorrer justamente no país com maior número de títulos mundiais até o momento sem sequer utilizar imagens que marcaram aquele 8 de julho, passando um sentimento visual terminal aos olhos do leitor

Entende-se, portanto, que a construção da capa tem relação com fatores externos além da derrota vexatória o fato de a mesma ocorrer em solo mineiro apenas serviu como fato a ser acentuado de forma crítica. A teoria do agendamento entra em discussão pelo fato de que de qualquer forma o resultado seria alvo de abordagem no âmbito jornalístico no dia seguinte em todo o país, contudo era praticamente impossível de se imaginar um revés dessa enormidade que acabou por não ser debatido apenas no Brasil mas no mundo inteiro, a partir daquele momento iniciou-se um processo discursivo midiático um tanto radical e sensacionalista sobre a necessidade de renovação imediata no ambiente da seleção.



Imagem2 – Capa do Jornal *Hoje em Dia*

Podemos analisar a inter-relação na colocação do esporte como pauta jornalística do agendamento dentro de: “A função de agendamento foi definida, então, pela capacidade dos meios de comunicação de massa em dar ênfase a determinado tema e pela possibilidade de os indivíduos incluírem esse tema em sua lista de prioridades após a influência recebida pelo meio de comunicação.” (McCombs, 2004, p. 24)

A editoria de esporte teve muito trabalho para em apenas uma semana: cobrir a maior derrota da seleção nacional e se preparar para a final que acontecia no domingo. O jornalismo esportivo sempre foi diminuído “por ser fácil” demais.

“Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O jornalismo enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costuma tratar o comentarista ou repórter esportivo como ‘mero palpiteiro’”. (Coelho, 2004: contracapa)

Conclusão

Ao longo do desenvolvimento do estudo foi possível apresentar visões de dois jornais relevantes em seus respectivos estados com relação a maior derrota sofrida pelo Brasil em Copas do Mundo, a partir das capas dois periódicos que trataram sobre a mesma pauta por ângulos distintos como também diferentes cenários visuais. Apesar dos eventos serem agendados, impossível adivinhar o seu desfecho.

Por fim observa-se que o agendamento jornalístico tem papel fundamental na construção noticiosa bem como o entendimento entre jornal e leitor podendo modificar posicionamentos justificativas e opiniões acerca das temáticas tratadas como notí

Referências bibliográficas

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2º edição revista e ampliada. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

MCCOMBS, M. **A teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CASTRO, Luis. **¿Comunicación deficiente, deporte deficiente?**. Chasqui: revista latinoamericana de comunicación. Quito: Ciespal, n.51, p. 56-57. Júlio 1995

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 2ed São Paulo: Contexto 2003

Muniz, Almir. **Os donos da bola**. **Revista de Comunicação**. Rio de Janeiro vol. 7, n.25, p. 8-11, jun. 1991